

Cerimônia dos Bichinhos da goiaba

Angelo Colesel

“Tem bicho nesta aqui, vó!”

“Jogue fora!”

E assim eu começava a descascar outra goiaba. A que estava bichada ia para um balde de latão, cansado do tempo e meio enferrujado. Não recordo o mês. Fazia calor. Não sou de guardar datas específicas, elas ficam nas lembranças dos relatos, sempre em estação ou fenômeno natural, nunca em números. Minha vó continuava ágil com uma faquinha de cabo preto. Descascava uma, mais outra e a seguinte, enquanto eu sofria com uma faca quase sem fio para não me cortar. Depois de descascada, tirava as sementes. As sementes iam para o balde já mencionado e a “carne da goiaba”, como dizia minha vó, para uma bacia branca, daquelas alouçadas (não sei se você sabe qual é, mas minha vó tinha algumas dessas bacias). Eram goiabas amarelas e não das vermelhas. As vermelhas mesmo meio verdolengas eram doces e saborosas, sem bichos, já as amarelas... As amarelas eram e são até hoje, simples e comuns. Comum como era nossa vida naquela casa grande de madeira. Grande e velha. Mais de cinqüenta anos, diziam. A goiabeira que nos doava suas goiabas simples, não sabia da idade, mas era uma senhora. Uma senhora galhuda. Galhos tortos e bifurcados que resmungavam ao vento pelos pesados frutos e pelos anos já vividos.

Enquanto descascava as goiabas, sentia-me importante, afinal era o feito do doce mais esperado do ano. Torcia para encontrar as goiabas bichadas. Sim, goiabas com bichinhos! Umas minhoquinhas brancas bem pequenas, com um pontinho preto que era a cabeça. Como eles entravam na goiaba, vá saber! Mas, goiaba amarela tinha muitos bichinhos. Quando partia ao meio, estavam lá. Às vezes dois ou três individúozinhos se debatendo. Podia até ouvi-los gritando para deixá-los em paz. Só parávamos de descascar quando a bacia branca estava cheia de carne de goiaba. Este ritual era à tarde, logo depois do

almoço. Uma hora ou mais naquele descasca, corta ao meio, vê bichinho, joga semente no balde, sorri para os bichinhos, joga casca no balde, bichinho grita, carne na bacia... eu gostava daquilo tudo.

Faca luzindo, descasca e corta, corta e descasca; minha vó olhava e perguntava-me (sabia eu, que era hora de histórias) se já havia contado a história das bruxas que a nonna dela contava. (Gostaria de deixar claro que em minha família nunca fomos adeptos de minúcias carinhosas. Havia respeito, como boa família italiana e cristã. Sempre pedíamos a bênção ao sair e ao ir se deitar para dormir. Nunca falávamos ou aprendíamos italiano, mas isso é outra história. Sem mimos carinhosos. Os substantivos vó e mãe soavam seco. Mas era assim que era. Sem afagos, mãe e vó. Ah, minha mãe participava da cerimônia do descascar, cortar, ver bichinho gritar; mas neste dia, em que minha vó contaria pela décima vez a história das bruxas que a nonna dela contava, ela cuidava de passar roupa e limpar a casa enorme. Não tínhamos empregada. Para não magoar minha vó- às vezes eu era bem malcriado, fazia valer-me da herança italiana e deixava a cristandade de lado-, dizia não lembrar das bruxas). Havia no ar uma magia!

Minha vó diminuía o ritmo do descascar e começava: “Minha nonna morava na Itália, (minha vó orgulhava-se de descender de italianos, apesar de ter “italiano” o sobrenome e a única palavra que eu sabia do idioma do país da bota, nonna.) Lá, ela e sua família cultivavam uvas e outros alimentos para sobreviver. Depois de colhidas, as uvas eram lavadas e levadas até umna grande tina de madeira, onde as uvas eram pisadas (neste momento eu via mais um bichinho. Mais uma goiaba que ia para o balde e pensava, com nojo, dos pés pisando as uvas, na minha inocência de oito anos- um dia fui inocente- que tipo de suco isso daria, eca!). Enquanto as uvas eram pisadas havia uma grande festa, como uma festa junina. O suco recolhido depois da uva pisada, ia para grandes barris armazenados num galpão, assim como os barris, de madeira. Depois de algum tempo, o suco virava vinho e era colocado em garrafas e garrafões (Tenho uma certa tristeza guardada por não saber ao certo, em que região da Itália vivia essa tal nonna, nem do nome tomei conhecimento. É a tal falta de minúcia carinhosa!). Depois de engarrafado , o vinho era todo guardado em outro galpão, próximo à casa (Neste momento

ficava impaciente. O auge da história, enfim, chegara. Esquecia das goiabas e nem lembrava dos bichinhos, que pareciam quietinhos e atentos, ouvindo tudo). De madrugada era comum ouvir risadas, copos batendo e garrafas ao chão. A nonna saía logo à janela, gritando aos homens da casa. Ela via mulheres de preto com chapéus pontudos, montando em vassouras e saindo dando gargalhadas, rasgando o céu estrelado de noite berrante de lua (neste instante, minha “avó” virava poeta). Saíam embriagadas vinho. Deixavam com suas vassouras, um rastro de poeira brilhante (Olhava para o balde e juro, os bichinhos estavam todos esticadinhos, ouvindo. Alguns até sorriam...).No outro dia chaveavam e colocavam grandes cadeados no galpão, mas não adiantava. As bruxas sempre voltavam e voltam....”

Com a bacia branca cheia, era hora de tudo ir para panela. Em Minas , usam tachos para fazer doces. Minha vó, não. Eram duas grandes panelas de alumínio, areadas com o capricho humilde de minha vó trabalhadeira . Hora de fogo forte no fogão à lenha, chapa calorenta alaranjada. “Cuidado com a chapa”, sempre alarmava. Hora das panelas, das carnes de goiaba, do açúcar, da colher de pau, da paciência , da harmonia das horas que se iam, da dedicação beata do momento. O doce cozia lentamente. A tarde como criança sapeca, foi-se rapidamente. Quando o sol cansado se retirava para dormir, minha vó ainda estava na ciranda da colher de pau ao redor das panelas, que não eram tachos! O doce já encorpada, ecoava seu cheiro pela casa toda (Ah, você quer saber dos bichinhos! ? Bem, depois da cerimônia do descascar e da história que ouviram, eles foram, resignados, ao céu dos bichinhos de goiaba. Um galão de plástico, a lixeira, que era levado e esvaziado toda segunda e quarta-feira. Uma vida nobre a dos bichinhos, participavam de cerimônias, ouviam histórias, e de bruxas italianas ainda! Breve a vida dos bichinhos. Breves os bons momentos. Breve o momento - existir...

À noite, já batendo panelas da janta, minha vó colocava o doce para esfriar em tigelas de louça. Tigelas brancas riscadinhas de azul, um azul um pouco mais escuro que o céu. Nelas o doce espreguiçava-se. Ficavam as tigelas sobre a mesa da cozinha como relíquias santas. Depois da janta, um pouco de novela e íamos dormir. “Bênção vó, bênção mãe”, e quarto. Dormir... como? Não era medo; receio apenas. Se a nonna de minha vó veio para o

Brasil de navio, quem garante que as bruxas, disfarçadas, não vieram junto? E se bebiam vinho roubado, imagina se não iam gostar de comer nosso doce de goiaba?

Angelo Colesel, 33 anos, professor de Artes, Artista Plástico e Assessor de Cultura de Imbituva, Paraná